

A CONTRAPARTE PROSÓDICA EM CONSTRUÇÕES DE DISCURSO REPORTADO

Patrícia Ribeiro do Valle Coutinho (UFJF)¹ e Luiz Fernando Matos Rocha (UFRJ)²

RESUMO

Este artigo defende que aspectos prosódicos desempenham um papel no pareamento de construções instanciadas na fala. Em conformidade com as bases teóricas da Gramática das Construções (GOLDBERG 1995, 2006), argumenta-se que construções são coleções linguísticas sistemáticas de pareamentos forma-função aprendidos na linguagem cotidiana e que podem ser mapeadas em dados contextualizados de fala. O objetivo é descrever e analisar tendências prosódicas de construções de discurso reportado em amostras de *corpus* de fala espontânea do português carioca culto brasileiro (NURC-RJ). As ocorrências são submetidas ao programa PRAAT (BOERSMA & WEENINK, 2011), por meio do qual informações prosódicas são analisadas e correlacionadas.

PALAVRAS-CHAVE: Gramática das Construções. Prosódia. Discurso Reportado.

ABSTRACT

This article claims that prosodic aspects have a bearing on construction pairings instanced in the spoken variety of language. According to Construction Grammar theory (GOLDBERG 1995, 2006), it is argued that constructions are linguistic form-meaning pairings acquired in everyday language and can be found in contextualized speech data. The goal is to describe and analyze prosodic tendencies in reported speech constructions of spontaneous speech corpus samples of Brazilian Portuguese (Rio de Janeiro – standard dialect NURC/RJ). Occurrences are subjected to PRAAT program (BOERSMA & WEENINK, 2011), by which prosodic information is analyzed and correlated.

KEYWORDS: Construction Grammar; Prosody; Reported Speech.

1 Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Juiz de Fora - Programa de Pós-Graduação em Linguística - Rua José Lourenço Kelmer, s/n - Bairro Martelos. patriciarvcoutinho@yahoo.com.br

2 Doutor em Linguística - Universidade Federal do Rio de Janeiro. luiz.rocha@ufjf.edu.br

INTRODUÇÃO

O objetivo específico do presente artigo é reivindicar a participação da prosódia na constituição do sentido e na organização da cena interacional. Assumimos o ponto de vista de que a forma linguística, o significante, do qual fazem parte os correlatos prosódicos, é uma pista para a construção do significado, e que dados contextuais dinâmicos moldam a compreensão do sentido.

Assim, como um importante recurso linguístico de estruturação da comunicação, elegemos o discurso reportado (doravante DR) da fala espontânea do dialeto carioca do português brasileiro (doravante PB), para nos servir de objeto nesta pesquisa. A escolha também foi influenciada pelo empreendimento iniciado por Rocha (2004), tese de doutorado de autoria do orientador deste trabalho, ao abordar a construção de DR na fala espontânea e levantar importantes intuições sobre o funcionamento prosódico desse fenômeno discursivo, o que propiciou curiosas perguntas de pesquisa.

As questões que surgiram podem ser ilustradas com: há situações em que interpretamos uma sequência linguística a partir do que sinaliza a entoação da fala, mesmo que as palavras, ou seja, o conteúdo lexical, indiquem o contrário? E, especificamente, quando um discurso é reportado, em quanto da entoação nos apoiamos para julgar e avaliar a fala do outro?

Justificamos a pertinência deste trabalho a partir das contribuições que se podem oferecer tanto para a área dos estudos em prosódia, quanto para a área dos estudos em Gramática das Construções (doravante GC). A descrição prosódica a que nos propomos poderá incrementar o acervo de estudos brasileiros que visam ao tratamento dos aspectos suprasegmentais do PB. Além disso, acreditamos que nossa empreitada em conciliar estudos sociocognitivistas – cuja tradição é associada à modalidade escrita – e estudos prosodistas pode ampliar o horizonte teórico da GC.

Definimos como *corpus* o NURC-RJ (Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro), disponível em <http://www.lettras.ufrj.br/nurc-rj/> e escolhemos dois diálogos entre falantes. Para a análise, submetemos as ocorrências de DR ao programa PRAAT (BOERSMA & WEENINK, 2011).

O presente artigo se estrutura inicialmente com os fundamentos teóricos gerais sobre GC. Em seguida, é apresentado nosso objeto de estudo: o DR e sua tipologia. Apresentamos, na seção seguinte, os procedimentos metodológicos da pesquisa, bem como as categorias de análise utilizadas, a explanação acerca do *corpus* e do programa computacional para leitura acústica. Mais adiante, resumizamos os resultados e discussões e, por fim, na seção 5, tecemos as considerações finais.

2.REFERENCIAL TEÓRICO

2.1.A GRAMÁTICA DAS CONSTRUÇÕES

Goldberg (1995) escreveu uma tese sobre os tipos de sentenças simples das gramáticas, postulando que esses tipos de sentenças são instâncias de construções – correspondências entre forma e sentido que existem independentemente de verbos particulares. Realiza-se um tratamento da natureza do

significado verbal e da sua relação com o significado sentencial, negando que a sintaxe e a semântica da cláusula sejam projetadas exclusivamente a partir de especificações do verbo principal. Essa perspectiva não categoriza sentidos implausíveis aos verbos, caso eles não ocorram em ambientes usuais. Isso porque os verbos se integram com a semântica da construção e são associados a *frames*.

As construções de estrutura argumental envolvem cenas *gestálticas* básicas, como alguém causando o movimento de algo para algum lugar, alguém transferindo algo para outra pessoa, alguém se movendo para algum lugar, alguém causando a mudança de estado de alguma coisa etc.

Qualquer padrão linguístico é reconhecido como uma construção quando alguns aspectos da sua forma ou função não são estritamente previsíveis a partir de suas partes composicionais ou de outras construções reconhecidas. Padrões são armazenados como construções mesmo se são totalmente previsíveis quando eles ocorrem com suficiente frequência.

Historicamente, o grande interesse da pesquisa construcionista foi mostrar que não existe uma separação estrita entre léxico e sintaxe, semântica e pragmática. O enfoque construcionista envolve todos os níveis de análise linguística, desde morfemas até unidades discursivas como os gêneros. Tal abordagem foca principalmente no papel da semântica, da pragmática e da sintaxe. Embora existam estudos que atentem para o fator prosódico em construções linguísticas do inglês, esse tipo de análise mantém-se inédito para o português brasileiro – o que representa o propósito deste trabalho em um empreendimento recente e desafiador sob a ótica da Linguística Cognitiva, de um modo em geral.

2.2.O DISCURSO REPORTADO

Um dos indícios primários na marcação do Discurso Reportado é o léxico-sintático. Se os enunciados são construídos com verbos *dicendi* ou com outra expressão que indique citação, diferentes vozes são introduzidas e serão interpretadas. Falantes podem ancorar deiticamente seus enunciados fazendo referências pessoais, locativas e temporais à situação reportada.

Com ou sem marcadores reportativos ou expressões dêiticas, o DR pode ainda ser marcado na escrita por recursos gráficos; e na fala, pela entoação. Citar consiste em adotar enunciados emanados de outra pessoa, para atingir objetivos argumentativos, por exemplo.

2.2.1.DISCURSO DIRETO (DD)

Tradicionalmente, o DR é categorizado como direto ou indireto (MAYES, 1990; SAKITA, 2002; HOLT & CLIFT, 2007). No DD, há independência sintática, presença de propriedades expressivas, além de delimitação precisa entre as fronteiras. Na concepção rotineira do ouvinte, são colocadas as palavras exatas do falante original. O reportador cita a fala a partir da perspectiva do reportado, emprestando sua voz para ele. Simples exemplos são colocados abaixo:

- a) A menina, em tom zangado, disse:
- Não gosto disso.

O DD pode ocorrer sem verbo *dicendi*, ficando para as aspas o papel de sinalizar na escrita a fala do outro.

- b) A menina, em tom zangado: “não gosto disso”.

O DD com verbo *dicendi*, como poderá ser checado nos dados, é o prototípico entre as construções encontradas, isto é, em termos de frequência; já o DD sem verbo tende a ocorrer em sequências narrativas, em que se prevê facilmente a presença do verbo.

2.2.2.DISCURSO INDIRETO (DI)

No DI, não há independência sintática nem a presença de propriedades expressivas, e sim a existência de complementizador (“que” ou “se”). São as palavras do reportador que transportam o que foi dito ou escrito pelo falante ou escritor original. O reportador interpreta o discurso do reportado e o cita com suas próprias palavras.

Quem reporta não assume plenamente a perspectiva do reportado. Exemplo:

- c) A menina disse, em tom zangado, que não gostava daquilo.

Nesse caso, tornam-se necessárias as modificações quanto às referências dêiticas de tempo verbal, pronomes e advérbios para se fazer a paráfrase do enunciado direto.

2.2.3.DISCURSO INDIRETO LIVRE (DIL)

O DI pode ser denominado livre, quando se misturam marcas atribuíveis à voz do narrador e à voz de outros. Há uma maior liberdade, em que o narrador insere outra fala sem usar as marcas do DD.

- d) A menina perambulava pela sala zangada. Não gosto disso.
Mas ninguém a ouvia.

Nesse caso, não há uma introdução *dicendi* para a fala “não gosto disso”; e nem uma marca de conclusão da citação, com a voz do reportador sendo retomada: “mas ninguém a ouvia”.

Lembramos que tradicionalmente a divisão e a classificação dos tipos de DR são realizadas exclusivamente a partir da modalidade escrita da língua. Existe, então, uma tradição grafocêntrica para se marcar e delimitar o DR. O que veremos, em nossa análise de dados de fala, é que a prosódia, pareada no jogo construcional, sinaliza a função do travessão e das aspas.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1. CATEGORIAS DE ANÁLISE

Seguem alguns esclarecimentos acerca de cada uma das categorias empregadas em nossa análise.

Construção de discurso reportado

As construções de DR instanciam o fenômeno discursivo buscado. Ao ouvir cada um dos diálogos completos, identificamos atentamente as ocorrências em que o falante reportava a voz ou o pensamento de outrem ou dele mesmo. Destacamos que, principalmente, nos casos de DIL, acabamos contando com a ajuda dos arquivos de transcrição do *corpus*. Ao consultar esse arquivo, não só confirmamos as ocorrências ouvidas, como também solucionamos algumas dúvidas, dado que o DIL era sempre marcado com as aspas.

Dividimos a construção de DR em duas unidades: a unidade 1 ou unidade introdutora, e a unidade 2 ou unidade reportada. A primeira é aquela que serve como anunciadora da outra voz, seja com o emprego do verbo *dicendi* ou de outro tipo de expressão, como no caso do DIL. A segunda é a fala reportada, isto é, a outra voz que foi inserida no discurso para diversos fins.

Ênfase

A ênfase, dentro de um processo de comunicação, pode ser definida como o ato de acentuar, ressaltar, focalizar, ou pôr em evidência um determinado item no texto. Trata-se de uma proeminência dada a uma sílaba, a uma palavra ou a um sintagma que destaca a informação, colaborando na construção do sentido e sinalizando aspectos que podem ir além da informação textual.

Pausa

A pausa tem uma função aerodinâmica que permite ao falante respirar em momentos oportunos. Esses momentos tendem a ocorrer no final do que chamamos sintagmas entoacionais. Então, a pausa age como “segmentadora” do discurso e pode até ser usada depois de sílabas quando se silaba uma palavra.

Neste estudo, marcamos a pausa quando ocorria o silêncio numa duração mínima de 150 ms. O momento relevante da construção em que foi observada a presença ou não de pausa foi na transição da unidade introdutora para a unidade reportada.

Tom de fronteira

Os tons de fronteira associam-se aos limites de constituintes e caracterizam a modulação melódica do fim de um domínio prosódico. Esse tom é indicado por % (H% e L%)³.

3 Conforme a anotação de Pierrehumbert (1980), o símbolo de porcentagem (%) é empregado ao lado de cada unidade tonal H (*high*/

Frequência Fundamental (F0)

A frequência fundamental (F0) é o número de ciclos, por segundo, de vibrações das pregas vocais. Um Hertz (Hz) equivale a um ciclo por segundo. A frequência de uma voz está relacionada com o tamanho da laringe. Por essa razão, os homens tendem a ter uma F0 mais baixa e, conseqüentemente, mais grave; e as mulheres, mais alta e mais aguda.

F0 média

Para obtermos a F0 média, recorremos a um recurso do próprio programa computacional. Seleccionamos, na tela do PRAAT (BOERSMA & WEENINK, 2011), o trecho da unidade analisada e na opção “pitch”, clicamos em “get pitch”. Ao realizar esse processo, abre-se uma janela com a medida da F0 média em Hz do trecho selecionado.

Gama de Variação (GV)

Costuma-se verificar a organização de uma seqüência de mais de dois L's (tons baixos) ou de mais de dois H's (tons altos) sobre uma mesma linha. A diferença entre o valor máximo de F0 da frase e seu mínimo é designada GV e corresponde a todo espaço tonal utilizado pelo falante na produção da unidade. Analisaremos a GV das unidades 1 e 2, com o intuito de checar como o falante usa o espaço tonal ao reportar discursos.

3.2.O CORPUS E O PROGRAMA DE ANÁLISE ACÚSTICA

Os dois diálogos escolhidos para a análise são os inquéritos 147 e 369 do NURC-RJ. Conforme ouvimos os dois diálogos, percebemos que as duas falantes do inquérito 147 não se conheciam; já os dois falantes do inquérito 369 são marido e mulher. As duas falantes do primeiro inquérito serão nomeadas AI e AII; e os dois falantes do segundo inquérito serão aqui reconhecidos como BI e BII.

O programa usado na análise acústica é o PRAAT. Ele oferece recursos técnicos para manipulação, análise, síntese, produção e reprodução das ondas acústicas. O programa foi desenvolvido por Paul Boersma e David Weenink, no Instituto de Ciências Fonéticas da Universidade de Amsterdam, em 1992. Desde então, inúmeras revisões e atualizações do programa foram realizadas.

Analisamos, para o presente estudo, 91 construções de DR, produzidas pelos quatro falantes. Uma vez que esse trabalho surge, principalmente, do empenho em se levar adiante o que Rocha (2004) iniciou, ao apontar para aspectos entoacionais envolvidos na produção de DR, é parte integrante desta análise considerar as ocorrências analisadas e seus tipos construcionais respectivos.

alto) ou L (low/baixo). Forma-se um único tom, que é associado às fronteiras dos domínios prosódicos e não à marcação de proeminência.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Abaixo, segue a tabela por meio da qual se comparam as ocorrências dos quatro falantes, divididas nos quatro tipos construcionais:

Falante	Discurso Direto com verbo <i>dicendi</i>	Discurso Direto sem verbo <i>dicendi</i>	D i s c u r s o Indireto	D i s c u r s o Indireto Livre
AI	17	4	4	6
AII	5	2	0	5
BI	24	3	8	4
BII	7	1	1	0
Total do tipo	53	10	13	15

Tabela 1: Comparação - tipos construcionais

Passemos a discutir o que encontramos especificamente para cada tipo de construção.

4.1.DISCURSO DIRETO COM VERBO *DICENDI*

eu ainda disse ó quem me roubou foi esse individuo (BII8)

Correspondendo a 53 ocorrências, das 91 analisadas, esse tipo de construção pode ser considerado o prototípico, em função do critério frequência. Somente a falante AII não teve a maioria de suas ocorrências de DD com verbo *dicendi*.

Dos aspectos prosódicos analisados, os mais recorrentes nesse tipo de construção foram o tom L% na unidade introdutora e a ênfase na unidade reportada. Das 49 construções com ênfase na unidade reportada, 29 são do tipo DD com verbo *dicendi*. Isso nos permite inferir que a ênfase tende a vir depois do prefácio *dicendi* prototípico. Além disso, entendemos que a descida é o movimento padrão para encaixar o DD com verbo *dicendi*.

4.2.DISCURSO DIRETO SEM VERBO *DICENDI*

quando ele entrou eu hã (AII2)

Esse tipo de construção foi o que apresentou menos ocorrências. Um fato curioso é que das dez ocorrências, oito apresentaram ênfase. Parece-nos que, ao omitir o verbo *dicendi*, torna-se importante ressaltar alguma parte da unidade reportada. A outra característica mais recorrente foi o tom L% na unidade 1, ocorrendo em todas as construções de DD sem verbo.

Comparando os falantes que produziram todos os tipos de DR, realizamos a seguinte observação quanto à presença de pausa: das quatro ocorrências desse tipo de construção produzidas por AI, há apenas um exemplo em que não há pausa entre as duas unidades. BI, por sua vez, fez a pausa em uma

das três construções desse tipo. Pode ser que falantes utilizem a pausa para ajudar a sinalizar que, mesmo sem o verbo *dicendi*, há outra voz sendo introduzida no discurso.

4.3. DISCURSO INDIRETO

ela dizia na minha cara que o desenho tava feio (AI20)

Dentre os quatro falantes, somente AII não produziu nenhuma construção de DI. Para esse tipo construcional, as características mais recorrentes foram o tom L% e as medidas tidas como padrão, isto é, médias de F0 mais altas nas unidades introdutoras e GVs mais altas nas unidades reportadas.

Uma característica que buscamos analisar nesse tipo construcional é a presença ou não de pausa. Assim, poderíamos discutir a hipótese de que há um contínuo entre a unidade 1 e a unidade 2 quando se trata de DI.

4.4. DISCURSO INDIRETO LIVRE

de modo que ele sabe tudo sabe a corrente sabe que tem buraco ali tem um buraco não entra(BI33)

De todos os falantes, BII não produziu nenhuma construção com DIL, embora esse tenha sido o segundo tipo mais produzido no total. Assim como nos outros, o tom L% foi característica recorrente, seguido da pausa e da ênfase.

Gostaríamos de chamar a atenção para o fato de que nas construções de DIL de AI e BI, a F0 média é mais alta na unidade reportada em 50% dos casos. Isso vai ao encontro da ideia de que, quando não há um introdutor *dicendi*, a F0 do DR é mais alta.

Observamos, com a análise dos dados, que o DIL pode ser introduzido das mais variadas formas. Alguns exemplos de unidades que serviram para introduzir o DIL:

Falante AI:

“a gente na fila”, “aquela coisa eterna”, “eis que chegamos”, “vô pro paraná vô pra são paulo vô pra acolá”, “minha mãe era orgulhosíssima sabe”, “é uma malícia incrível”.

Falante AII:

“ele ficou tão tranquilo”, “avançam avançam”, “então a gente procura”, “sai dali”, “ela ficou maravilhada”.

Falante BI:

“daqui a pouco já é uma amiga que telefona encontro uma amiga na”, “até a minha empregada ficou tão impressionada”, “de modo que ele sabe tudo sabe a corrente sabe que tem buraco”, “há um ano atrás o exame era exatamente a mesma coisa”.

Essa variedade de “introdutores” diz respeito, justamente, ao fato de que no DIL não temos uma expressão prevista para introduzir o DR, pelo menos não do ponto de vista sintático e pragmático.

As expressões que precedem o DIL, de alguma maneira, contextualizam a cena em que alguém reporta uma fala. Essas cenas, mesmo que não explicitem a fórmula *dicendi*, permitem-nos conceber um falante que diz alguma coisa, pré-enquadrando a possibilidade de uma fala reportada em uma narrativa oral. Normalmente, esse tipo de introdutor, além de anunciar o DIL, traz informações circunstanciais sobre o falante reportado ou mesmo sobre a cena narrada.

Esse pré-enquadre narrativo está representado com o caso de “aquela coisa eterna”. Além de AI reportar o que a mãe disse, subentende-se que se trata de um discurso sempre proferido por ela. Podemos simular a construção da falante com a fórmula *dicendi* exemplificada em “minha mãe sempre diz”. Ao ouvir a proclamação da fala reportada, percebemos uma voz cansada e entediada.

4.5. ARTICULAÇÃO TEÓRICO-ANALÍTICA

Apresentamos agora de que maneira nossos resultados corroboram a reivindicação principal de que a prosódia organiza a cena interacional e sinaliza informações para a construção do sentido que, muitas vezes, não são recuperadas via sintaxe ou semântica.

Inicialmente destacamos que analisar dados de fala espontânea é, de fato, encarar a complexidade da “chama” (MIRANDA, 2010, p. 59). Quando atribuímos tendências prosódicas para construção de DR, apostamos fortemente na inserção da contraparte prosódica no pólo formal das construções linguísticas.

Grande parte dos estudiosos reconhecem padrões sentenciais em termos de prosódia. O desafio deste trabalho ultrapassou esse reconhecimento, visto que colocou em foco construções produzidas em contextos absolutamente naturais. Isso demonstrou a complexidade da fala em detrimento dos padrões *default* estereotipados. Não é o caso de se desconsiderar a importância de perfis prosódicos de sentenças declarativas, interrogativas e exclamativas, por exemplo, mas quando nos deparamos com a fala real e espontânea, subtipos de sentenças consolidam um espectro altamente rico e variado, bem diferente dos padrões já conhecidos na literatura.

Pensemos, então, que a construção-mãe para os casos de DR seria o tipo DD com verbo *dicendi* “dizer”. Um exemplo do nosso *corpus* seria:

“ela olhava e dizia assim eu não ACREDITO isso é mentira eu não ACREDITO” (B15)

As letras maiúsculas, mantidas em “acredito”, são para marcar as ênfases. Esse tipo de construção foi o que pareceu mostrar o ambiente mais propício para se enfatizar partes do discurso, uma vez que a citação é direta. Temos, assim, para esse tipo construcional:

DD com verbo <i>dicendi</i>
Aspectos sintáticos: [SUJ disse/dizia OBJETO ORACIONAL]
Aspectos semânticos: alguém diz algo que outro disse
Aspectos pragmáticos: construção mais mimética, com mudança de <i>footing</i> ⁴ etc
Aspectos prosódicos: A unidade introdutora tende a se encerrar com um tom de fronteira L%. Quando comparadas as unidades 1 e 2, as medidas de F0 média tendem a ser mais altas na unidade introdutora, e a GV, na unidade reportada. O sintagma entoacional que a fala reportada pode receber ênfase.

Tabela 2: descrição do tipo construcional DD com verbo *dicendi*

A partir dessa construção-mãe, temos a rede de construções de DR com mais os outros três tipos que se ligam por uma relação de herança. A construção DD sem verbo *dicendi* pode ser considerada uma sub-parte da construção-mãe. Abaixo, um exemplo retirado do nosso *corpus*:

“*ai nós presidente do brasil mas cumé que pode*”(B131)

Lembrando que, nesse caso, houve uma pausa entre o “*ai nós*” e a fala reportada. O apagamento do verbo *dicendi* se percebe em ambientes de sequências de DRs, em que a construção do sentido não é prejudicada por essa omissão. Além disso, a pausa se verificou frequente como um recurso prosódico que sinaliza, apesar da ausência do verbo *dicendi*, a fala do outro. Segue uma descrição desse tipo construcional:

DD sem verbo <i>dicendi</i>
Aspectos sintáticos: [SUJ OBJETO ORACIONAL]
Aspectos semânticos: alguém diz algo que outro disse
Aspectos pragmáticos: construção mais mimética, com mudança de <i>footing</i> etc
Aspectos prosódicos: A unidade introdutora tende a se encerrar com um tom de fronteira L%. Quando comparadas as unidades 1 e 2, as medidas de F0 média tendem a ser mais altas na unidade introdutora, e a GV, na unidade reportada. Tendência em existir uma pausa entre a unidade introdutora e a unidade reportada.

Tabela 3: descrição do tipo construcional DD sem verbo *dicendi*

O outro tipo construcional herdado é o DI. Um exemplo encontrado em nossos dados é:

4 Esse conceito envolve mudanças na atuação do participante. Estamos nos referindo ao alinhamento] da postura e da projeção de um interlocutor com o outro, consigo próprio e com o discurso construído, negociando sua participação na interação (GOFFMAN, 1998). Mudamos de *footing*, por exemplo, quando reportamos nossa própria fala ou quando reportamos a fala do outro, mesmo que em um ou em outro caso sejam nossas próprias ideias que estejam sendo articuladas.

“e dizendo que pra semi-final não foi conseguida a venda da entrada”(BII1)

Dentre os quatro tipos de DR (DD com verbo *dicendi*, DD sem verbo *dicendi*, DI e DIL), o DI foi o terceiro em número de ocorrências, todas em terceira pessoa. Em termos prosódicos, pudemos confirmar a tendência do DI em não haver pausa entre as unidades 1 e 2. Abaixo, o que podemos descrever sobre esse tipo construcional:

Discurso Indireto
Aspectos sintáticos: [SUJ disse/dizia OBJETO ORACIONAL]
Aspectos semânticos: alguém diz algo que outro disse
Aspectos pragmáticos: construção menos mimética, sem mudança de <i>footing</i> etc
Aspectos prosódicos: A unidade introdutora tende a se encerrar com um tom de fronteira L%. Quando comparadas as unidades 1 e 2, as medidas de F0 média tendem a ser mais altas na unidade introdutora, e a GV, na unidade reportada. Tendência em não existir pausa entre a unidade introdutora e a unidade reportada.

Tabela 4: descrição do tipo construcional DI

E o último tipo construcional, o DIL, é o que apresenta a maior divergência sintática da construção-mãe. E é nesse tipo em que acreditamos haver a maior contribuição do contexto conversacional, bem como da prosódia. O exemplo trazido dos nossos dados é:

“Avançam avançam ah da onde você é?” (AII4)

Nesse exemplo, percebemos a mudança de *footing* quando a falante tenta reproduzir o modo como as garotas faziam a pergunta aos rapazes. Embora não apresente o prefácio *dicendi* prototípico, que seria “elas diziam” por exemplo, esse tipo construcional se mostrou eficiente e produtivo na língua. Abaixo, sua tabela descritiva:

Discurso Indireto Livre
Aspectos sintáticos: [X OBJETO ORACIONAL]
Aspectos semânticos: alguma expressão anuncia algo que outro disse
Aspectos pragmáticos: construção mais mimética, com mudança de <i>footing</i> etc
Aspectos prosódicos: A unidade introdutora tende a se encerrar com um tom de fronteira L%. Quando comparadas as unidades 1 e 2, a GV tende a ser mais alta na unidade reportada. A F0 média da unidade reportada tende a ser mais alta do que a F0 média da unidade que a precede.

Tabela 5: descrição do tipo construcional DIL

Lembrando que “X” é representado por uma variedade infinita de expressões que podem servir como “introdutoras” do DR. É interessante notar que esse é o único tipo construcional que não “respeita” a fusão dos papéis semânticos e dos papéis argumentais / sintáticos (Princípio da Coerência Semântica).

Nos três tipos anteriores, temos o papel argumental sujeito se fundindo com o papel semântico de alguém que fala o que o outro diz. Nesse caso, não temos esses papéis na construção. O DIL é, linguisticamente, anunciado de várias formas e mesmo que o interpretemos, não temos o sujeito/reportador expresso. Cabe ao discurso fornecê-lo.

O pontapé inicial dado por Rocha (2004) nos permitiu trilhar um caminho que sugeriu a possibilidade de a prosódia atuar decisivamente no pólo formal das construções de DR. Dado o caráter intuitivo da análise do autor, tivemos a ideia de reeleger o DR como objeto de estudo, no sentido de tornar mais criteriosa a busca de evidências externas no mapeamento dos perfis entoacionais das construções DR. Assim, pudemos verificar, com o auxílio de um programa de análise acústica, o PRAAT, a plausibilidade das intuições acerca do fenômeno discursivo de reportar vozes.

Quando trouxemos à tona os tipos construcionais formulados por Rocha (2004) confirmamos algumas hipóteses e negamos outras. Vale lembrar que, mesmo confirmadas, apoiamo-nos em tendências entoacionais para o DR e não em limites categóricos. Em vista da quantidade de dados gerados, consideramos o padrão como um resultado ainda distante de alcançar – se é que ele pode ser considerado plausível no terreno da fala espontânea, dada a sua complexidade e variedade de expressão.

Confirmamos, por exemplo, a hipótese de que a transição entre unidade introdutora e unidade reportada no DI é marcada por um contínuo, sendo minimizados os casos em que se nota a presença de pausa. Nos termos de Rocha, encontramos a referência a uma distinção tonal que sinalizaria uma diferença entre DD e DI. Essa distinção tonal entre unidade introdutora e unidade reportada ocorreria somente no primeiro caso, e não no segundo.

Ainda que tenhamos encontrado somente uma ocorrência de DD com verbo *dicendi* em 2ª pessoa nos nossos dados, comparando 1ª e 3ª pessoas, não parece haver a diferenciação do modo como sugeriu Rocha (2004) (sendo mais marcada a citação conforme passa da 1ª para a 3ª pessoa). Houve, inclusive, um caso de uma falante que produziu mais ênfases em construções de primeira pessoa. Nesse caso, o caráter mais mimético também está associado aos casos de autocitação. Enfim, de alguma forma a prosódia sinaliza as diferenças quanto às pessoas do discurso. Vale mencionar que, para efeito de comparação, não submetemos ao PRAAT os dados de Rocha, em função de sua baixa qualidade acústica, o que comprometeria a análise.

Contudo, não se pode deixar de considerar as diferenças significativas de molduras comunicativas que encontramos no nosso *corpus*, quando o comparamos com o *corpus* de Rocha. As construções de DR do presente trabalho são inseridas em narrativas que falantes produzem em uma moldura de diálogo informal, a partir de temas que os documentadores sugerem, para compilação de um *corpus* linguístico. Assim, a fim de se alcançar certa “naturalidade”, os falantes tratam de suas vidas, incluindo narrativas sobre memórias da infância, de viagens etc. Já as construções analisadas em Rocha (2004) foram produzidas por participantes do *reality show Big Brother Brasil* em 2002, que foram deslocados de seus cotidianos particulares para um palco de representações improvisadas,

espiado pelas câmeras de TV. Esses falantes estão imbuídos do propósito de reportar outros discursos na tentativa de manter suas próprias faces e serem bem quistos pelo público. Afinal, estavam em um jogo que valia um prêmio alto em dinheiro.

O que Jansen, Gregory e Brenier (2000) apresentaram para dados do inglês quando defendem que o DD é o mais proeminente dentre os tipos de DR também se aplica aos dados de PB analisados nesse estudo. Essa aproximação de resultados advém do fato de que grande parte das nossas ocorrências com ênfase nas unidades reportadas enquadram-se no tipo DD. Das 49 construções com ênfase na unidade reportada, 37 foram DD, incluindo as construções com e sem verbo *dicendi*.

Günthner (1998) também pode ser lembrado, uma vez que nossos resultados corroboram sua assertiva de que o DR, quando não precedido por introdutores, apresenta uma F0 mais alta. Os casos de DIL, isto é, em que não há um introdutor *dicendi* - seja com a presença do verbo ou da estrutura sintática introdutora -, pelo menos na metade das ocorrências, geraram uma F0 média mais alta na unidade reportada.

Ainda podemos registrar que nossos resultados também vão ao encontro do que Maia Rocha (2011) propõe para a unidade informacional do introdutor locutivo – em que se anunciam os casos de DR. Confirmamos que essa unidade é delimitada por um perfil melódico descendente e por uma F0 média mais alta do que a da unidade posterior, exceto no DIL, que justamente não apresenta a unidade do introdutor locutivo.

Sintetizamos os principais resultados para cada tipo construcional. Destaca-se que as tendências prosódicas relacionadas ao tom de fronteira da unidade 1 e à GV da unidade 2 mantêm-se para os três primeiros tipos construcionais:

- DD com verbo *dicendi*: trata-se do tipo construcional que assume o prefácio *dicendi* prototípico. E é nessa construção que a unidade reportada tende a receber uma ou mais ênfases. Assim, quando se quer enfatizar a voz do outro, o falante a anuncia no modo prototípico;

- DD sem verbo *dicendi*: as construções desse tipo tendem a apresentar uma pausa entre a unidade introdutora e a unidade reportada. O uso da pausa, nesse momento, parece, assim, estar relacionado ao apagamento do verbo *dicendi*;

- DI: com relação a esse tipo construcional, confirmou-se a tendência em não haver pausa separando as duas unidades. É o caso em que o reportador realiza uma paráfrase e os devidos ajustes dêiticos e, então, não faz pausa para marcar a distinção de falas, possivelmente por conta da presença do complementizador integrando as duas unidades;

- DIL: distinguindo-se dos demais tipos construcionais, essa foi a construção que apresentou, em grande parte dos dados, a F0 média mais alta na unidade reportada e não na unidade “introdutora”,

que é a tendência para os outros três tipos. Acredita-se que, na mesclagem de vozes, sem introdução expressa, o falante eleva a F0 para marcar o discurso do outro.

Com relação às outras contrapartes construcionais dos diferentes tipos de DR, em síntese, apresenta-se:

- Aspectos sintáticos: o tipo construcional que mais se distingue sintaticamente é o DIL;
- Aspectos semânticos: o tipo construcional que mais se distingue semanticamente também é o DIL;
- Aspectos pragmáticos: o tipo construcional em que parece ser menos nítida a mudança de *footing* é o DI.

Não se mostrou uma tarefa fácil determinar essas características, visto que nossos dados são de fala espontânea – imprevisíveis e incontroláveis. Todavia, não podemos deixar de retomar e defender a importante tese de que a fala não deve ser tratada apenas como escrita e de que, conseqüentemente, a noção de construção gramatical precisa ser enriquecida com informações assumidas pela prosódia. Por isso, preocupa-nos registrar as minuciosas descrições que os dados permitiram extrair.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, podemos observar que o arcabouço teórico da Gramática das Construções (GOLDBERG 1995; 2006) é fortemente respaldado por evidências linguísticas de modalidade escrita. Quando nos deparamos com os estudos dessa autora, notamos que seus exemplos, ao contrário deste estudo, são de sentenças artificialmente criadas que instanciam, por exemplo, construções de movimento causado, ditransitivas, resultativas, etc. Dessa forma, sua teoria tem grande peso nos domínios sintático e semântico em termos de pareamento entre forma e significado. Não há menção ao polo fonológico no âmbito da construção gramatical, trabalho este iniciado por Rocha (2004) e desdobrado por esta tese.

Os resultados do presente trabalho giram em torno da aplicação de mais um nível no pólo formal de construções faladas do português brasileiro. Estamos nos referindo, com isso, ao nível prosódico que compõe a contraparte formal das construções. Pudemos evidenciar que a prosódia favorece a interpretação, por exemplo, de casos de DIL, em que a semântica e a sintaxe são distintas dos outros moldes de DR, mas trata-se ainda de um caso de DR. Coligada à pragmática, a prosódia pode ser decisiva nesses casos. Além disso, os tipos construcionais de DD sem verbo *dicendi* são exemplares ideais da não anterioridade da sintaxe no pareamento construcional. Novamente, a prosódia e a pragmática constituem caminhos eficientes que o falante percorre para introduzir a voz do outro.

O presente trabalho encerra-se, portanto, apostando em uma nova versão teórica da Gramática das Construções, que contemple as construções da fala como faz com as construções da escrita.

REFERÊNCIAS

BOERSMA, P.; WEENINK, D. *Praat: Doing Phonetics by Computer*. Versão 5.3.01, 2011.

GOFFMAN, E. Footing. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (org). *Sociolingüística interacional: antropologia, lingüística e sociologia em análise do discurso*. Porto Alegre: AGE, 1998. p. 70-97.

GOLDBERG, A. *A construction grammar approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

_____. *Constructions at work*. New York: Oxford University Press, 2006.

GÜNTNER, S. *Polyphony and the „layering of voices“ in reported dialogues: an analysis of the use of prosodic devices in everyday speech*. Konstanz: Inlist3, 1998.

HOLT, E.; CLIFF, R (Eds.) *Reporting talk: reported speech in interaction*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

JANSEN, W.; GREGORY, M.; BRENIER, J.M. Prosodic correlates of directly reported speech: evidence from conversational speech. In: *proceedings of the ISCA workshop on prosody in speech recognition and understanding*. USA, 2001.

MAIA ROCHA, B. *A unidade informacional de introdutor locutivo no português brasileiro: uma análise baseada em corpus*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Belo Horizonte: UFMG, 2011.

MAYES, P. Quotation in spoken English. *Studies in language* 14:325-363. 1990.

MIRANDA, N. S. O caráter partilhado da construção da significação. *Revista Veredas*, v. 5, n. 1, Juiz de Fora, 2001. p. 57-81.

PIERREHUMBERT, J. *The Phonology and phonetics of english intonation*. 1980. 402f. Tese (Doutorado em Linguística) – Department of linguistics and philosophy, Massachusetts Institute of technology, Indiana University Linguistics Club, 1980.

ROCHA, L. F. M. *A construção da mimesis no reality show: uma abordagem sociocognitivista para o discurso reportado*. Tese (Doutorado em Linguística). Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.

SAKITA, T. I. *Reporting discourse, tense, and cognition*. Elsevier, 2002.

Recebido em 31/01/2016

Aceito em 12/04/2016